

<https://www.youtube.com/watch?v=CRkNI-vuyIY&feature=youtu.be>

YouTube

Pesquisar



Consolato Laganá Filho

<https://www.youtube.com/watch?v=CRkNI-vuyIY&feature=youtu.be>.

Bom dia senhoras e senhores:

Está no ar o nosso telejornal e trazemos notícias históricas.

No final do século XIX e início do século XX, muitos povos migraram para o Brasil. Vieram para cá Japoneses, Italianos, Alemães, Espanhóis, Árabes, Portugueses (além dos que aqui já se achavam), e também poloneses.

Nessa época, acontecia a Primeira Guerra Mundial, muitos países entraram em crise e a solução para muitos era deixar sua pátria.

No Brasil, o Governo começou uma propaganda chamando imigrantes para trabalhar nas lavouras e no processo de industrialização que estava começando, vamos entrevistar um desses imigrantes, o Senhor Consolato, que veio da Itália ainda criança e no Brasil ficou famoso por fabricar sapatos ortopédicos.

P - Bom dia Senhor Consolato, a gente gostaria de saber, começar com o nome do senhor, o local e a data de nascimento do senhor.

R - Eu me chamo Consolato Laganá, nasci num lugarejo pequeno, que tinha mais ou menos mil habitantes; nasci em 23 de fevereiro de 1904. O lugar era muito pequeno, mas... era que nem Campos do Jordão aqui, um lugar alto, um lugar muito saudável. Mas era muito longe do mar, não tinha trem, não tinha naquele tempo não tinha automóvel não tinha nada. A gente vivia uma vida, uma vida calminha, calminha que era uma maravilha A criança não tinha perigo nenhum, ficava na rua brincando, ficava, não tinha perigo porque não tinha automóvel não tinha nada.(...)

P - ...em que país que...

R - Na Decollatura, província de Catanzaro. (...)

P - Como é que chamavam seus pais?

R - Meu pai chama-se Consolato Laganá e minha mãe chama-se Teresa Laganá.

P - E seus avós?

R - Meus avós era Fortunato e... Francesca, Francisquina; Francesca chamava.

P - O senhor tinha irmãos, tem irmãos? R - Eu tinha, éramos nove irmãos. Eu era o mais velho de todos. Três viemos... eu vim aqui no Brasil, depois da Grande Guerra, eu mandei vir mais dois irmãos meus que vieram aqui com a família. É. Tenho duas irmãs que estão na Austrália. A família, éramos nove, mas espalhamos tudo, cada um foi num lugar, porque o lugar onde eu morava era muito pequeno, não tinha indústria não tinha nada, né? Foi a única maneira de arrumar, a gente migrar. (...) Eu, migrei aqui no Brasil. No princípio vivi... me apertei muito, mas foi bom porque aprendi viver, aprendi lutar e vencer.

P - E quando foi a saída, e como foi, por que vocês, a família Laganá saiu?

R - Não toda a família, saímos uma parte da família. O seguinte: quando a gripe espanhola, vocês ainda não... não tinham nascido ainda, era uma epidemia muito forte que pegou no mundo inteiro, naquela época, morreram gente a torto e a direito. Meu pai tinha um negócio lá, secos e molhados, mas um negócio em lugar pequeno, que o pessoal paga no... quando tem a colheita, assim, não é? Como a minha família ficou tudo doente, ficou tudo doente, o negócio ficou fechado, ficou seis meses fechado E, fora disso, muita gente

morreu, morreram famílias inteiras. E quando acabou a epidemia, meu pai ficou sem dinheiro para poder negociar, porque quem devia não pagou, ficamos fechado, sem fazer negócio, nada. Ainda alguma coisa que meu pai tinha, gastou. Ficamos sem nada. Quer dizer, sem nada, tinha a casa, somente. Então meu pai começou a ver imigrar. Veio um senhor do Brasil lá passear na Calábria, e não sabia nem ler nem escrever, um homem muito atrasado. Chegou lá com os filhos tudo bem arrumado, compraram automóvel, passeavam. Meu pai se entusiasmou: "O Brasil deve ser terra muito rica, esse homem aí, assim, tão... sem saber nada ficou tão rico, vamos lá, vamos no Brasil" Se entusiasmou. Viemos aqui para o Brasil. O homem acho que tinha sido algum fazendeiro, alguma coisa, ganhou muito dinheiro, não sei. Aí viemos cá para o Brasil, e junto com o meu pai, porque sozinho não podia, não podia viajar. E meu pai achou que era conveniente vir junto com ele, não? E cheguei aqui no Brasil, cheguei 22 de fevereiro de 1922.

P - De que porto vocês saíram, você...?

R - Saímos de Santos... Ah, saímos de Gênova.

P - E o Senhor pode contar um pouco como foi a travessia de Gênova para Santos?

R - A travessia, naquele tempo se viajava que nem animais. Tinha aquele camarote inteiro, a gente dormia. Tinha a cama embaixo e em cima, um calor de noite. Às vezes subia na coisa para poder dormir, porque fazia muito calor. Até que passar o Estreito de Gibraltar, porque paramos, parou em Marselha, parou num porto de, da Espanha também, o navio ia parando em tudo quanto era porto. Quando, no Mediterrâneo ainda, antes de chegar no Estreito de Gibraltar, o mar era uma coisa bárbara, baixava, descia o navio, que nossa senhora. Toda a gente ficava doente de estômago, se vomitava, se fazia... nossa. Era uma viagem muito ruim. Depois que passamos o Estreito de Gibraltar, paramos um dia inteiro na Dakari, na África; parou lá, o navio carregou carvão, pegou água, pegou tudo aí, para se abastecer, não é? Ficamos um dia inteiro, não é? Aí passou, o mar era calmo, calmo, nunca teve uma onda lá brava, nada, até chegar ao Rio de Janeiro. Ao Rio de Janeiro chegamos era de noitinha. O Rio era uma coisa maravilhosa, uma coisa linda, linda, o Rio de Janeiro. Nossa. De noite, do porto, chegando lá, uma coisa... a gente nem sabe contar como é que é tão bonita. Aí paramos no Rio de Janeiro, o navio parou quase um dia inteiro, desceram muita gente lá, é... eu desci também... não, não desci. Do navio mesmo joguei uma cestinha, é... comprei banana. Comi uma dúzia de banana de uma vez só (riso). Achei tão gostosa. Parece que era um tostão, não sei, dava uma dúzia de

bananas. Ficou lá. Depois que desceram os passageiros tudo, aí veio para Santos.

P - Quem viajou com o senhor?

R - O meu pai. O meu pai e um outro amigo também lá da Calabria mesmo que era um paisano. Porque eu não podia viajar, tinha só 18 anos, vim junto com o meu pai.

P - E depois...

R - Depois saímos lá em Santos. Em Santos, veio lá um senhor lá no navio, contratou o meu pai para ir trabalhar numa... numa fazenda. Eu tinha, tudo o que meu pai dizia tinha que obedecer, porque naquela época o que o pai dizia tem que ser feito, não podia negar. Fui criado nesse, nesse ambiente. Aí, chegamos em Santos, e já no desembarque mesmo tem uma pessoa que veio se encarregar de... nós fomos parar na, na imigração. Fomos parar na imigração, ficamos lá dois dias. Depois dos dois dias, comemos lá e tudo, depois deram lanche (...) ..acompanhou nós na, na estrada de ferro, lá, tomamos o trem e quando chega a uma cidade, a uma, em uma fazenda que chama Nova Louzó, descemos lá. Descemos e fomos apresentado a um nordestino, ao administrador, o administrador deu já um lugar para poder ficar, não é? Aquela noite dormimos no chão, porque não tinha nada; logo no outro dia, veio uma senhora lá, comprou colchões, comprou uma porção de coisa e deram uma casinha, tinha dois, uma casa muito comodinha, muito... tinha dois dormitórios, tinha uma salinha, tinha... muito bem feitinha. Tinha um terreno muito grande que a gente podia fazer horta lá, no terreno. Bem, bem grande, fazer horta. Depois veio lá o nordesti... veio o senhor com o cavalo o foi mostrando o que nós tinha que fazer. Deram uma enxada para cada um, e pegamos o café, começamos a trabalhar. Ficamos lá quatro meses, trabalhando. Limpava o café, aprendi logo a fazer porque é uma coisa muito fácil, enxadinha, limpava o café lá... mas depois lá, aquele café que nós pegamos para tratar, tinha sido de um alemão. O alemão morreu, a mulher abandonou tudo porque lá nessa fazenda era uma época muito boa, era a época, o apogeu do café, era o apogeu do café, não? Eh... nós ficamos com o que tinham plantado. Tinham plantado milho, tinha plantado feijão, tinha plantado arroz, e ficou tudo para nós. Nós não plantamos, pegamos por causa que, quem tratava aquele café tinha direito àquele terreno lá, não é? Aí, meu pai achou que não gostava. Eu, para mim, naquela época tinha mandado vir a família, porque naquela época o café estava no apogeu. A minha mãe podia ficar em casa para trabalhar, eu tinha mais dois irmãos, uma irmã também, que eram já mocinhos... eram... tinham uns 14, 15 anos, né?, podíamos tratar do café, minha mãe tratava lá da comida, meu pai

podia tratar de uma bela horta, podia plantar tudo o que ela queria lá, porque era grande o terreno, né? Mas meu pai não quis. (...). Bom, viemos a São Paulo, meu pai não quis e ficamos aqui em São Paulo. O meu pai, daqui mesmo arrumou um emprego numa companhia italiana no Rio de Janeiro. E foi, foi embora, eu não quis ir com ele, não quis ir porque comecei a ficar aborrecido porque ele... estava, estava indo errado Eu não fui com ele no Rio de Janeiro. Ele foi lá pra o Rio de Janeiro. Eu fiquei aqui em São Paulo. No primeiro dia passei o raio aqui em São Paulo, sozinho com 18 anos, mas não desanimei. Sempre pensava, sempre tive pensamento positivo: "Amanhã é melhor, amanhã é melhor"... Era assim mesmo Aí arranjei emprego numa fábrica de tecidos do Matarazzo, Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo. E fui trabalhar lá. Depois, como eu tinha aprendido um pouco de sapateiro lá na Itália, eu peguei, arrumei uma salinha, uma portinha na Rua Visconde de Parnaíba, número 310. (...)

P - Com quem aprendeu sapataria?

R - Lá na Itália.

P - Com quem?

R - Era uma oficinazinha que tinha lá um sapateiro que arranjava um aprendiz ou dois, assim, não era oficina grande. Tem um só, que abriu uma portinha e começa a consertar, fazia sapatinho. Aí comecei a pensar consertar sapato. (...)

P - Muito obrigado pela entrevista, senhor Consolato.

R - Gostaram da minha...?

P - Gostei, gostei muito

R - Acho que falei demais, não? (riso)

Memórias do Comércio - Cidade de São Paulo

Inovação em calçados

História de [Consolato Laganá Filho](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 07/07/2005

<http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/historia/inovacao-em-calçados-43676/colecao/117488>